

ENTRE DISCURSO E POESIA: DISCUTINDO A IDENTIDADE NORDESTINA EM PATATIVA DO ASSARÉ

Maria Eliza Freitas do Nascimento (UERN/CAMEAM)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Discutir identidade não é uma perspectiva, a priori, tão simplista assim. Isso devido aos deslocamentos sofridos do que se entende por identidade na pós-modernidade, ou como queira nomear Bauman (2005) "modernidade líquida".

É justamente dessa discussão que trataremos neste artigo, buscando analisar como a identidade nordestina é construída na poesia de Patativa do Assaré¹. Este trabalho está embasado nos pressupostos epistemológicos da Análise do Discurso Francesa, tomando como autores de base Pêcheux e Foucault. A identidade é discutida em Hall, Silva e Bauman.

Usamos como corpus de análise um objeto literário que se enquadra na cultura popular nordestina. Adotamos um olhar para a poesia como enunciado discursivo, no sentido foucaultiano do termo observando que é preciso compreendê-la não apenas como frases que podem ser lidas, mas em seu funcionamento discursivo. Lembrando que para Foucault (2007), o enunciado é concebido como uma função enunciativa, constituído a partir de certas regras de formação, por um sujeito sócio-historicamente construído, em um lugar institucional.

É ainda produzido em articulação com outros discursos e sob determinadas condições de produção. O que caracteriza o enunciado é a função enunciativa, e, como função, precisa estar inserida em certas condições, observando os sentidos construídos na poesia de Patativa do Assaré, enredados na trama da língua com a história.

Analisamos o enunciado poético apresentando-o como enunciado discursivo que se oferece a múltiplas leituras da realidade sócio-cultural do Nordeste. Os sentidos são construídos pela articulação com outros discursos, principalmente o religioso e o político. Verificamos, dessa forma, que como todo discurso precisa de uma materialidade para se concretizar, neste caso, a materialidade lingüística é a poesia, o discurso enquanto enunciado produz sentidos que constroem uma identidade de Nordeste. Assim, realiza-se a inserção do acontecimento em práticas discursivas, mediante um enunciado que se insere numa função enunciativa e possibilita que certos dizeres e sentidos se cristalizem em certas formações discursivas.

É, pois, do universo fascinante da poesia patativana que iremos explorar o discurso que lá se encontra materializado, reforçando que nas práticas discursivas os sujeitos propagam dizeres que ecoam pela memória discursiva.

Nessa retomada de dizeres há espaço para o repetível que age controlado pela memória, os sentidos não são os mesmo, pois aparecem re-significados. A relação com a formulação anterior dá-se de formas diversas, tendo em vista que há uma anulação da distância interdiscursiva que constituem os efeitos imaginários. Há assim, uma camada espessa de citações e de retornos ao interior de estratos discursivos que se interpõem entre a irregularidade do texto primeiro e do texto que o cita (Courtine, 1999).

RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS, REDES DE MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Em seu percurso teórico a AD atravessa momentos de transformações no interior da teoria. Pêcheux passa a dialogar com pensadores como Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. Esses diálogos tornaram-se produtivo para as atualizações ocorridas no interior da teoria. Assim, há uma valorização de categorias como interdiscurso e memória discursiva, uma vez que a completude, a unicidade e a homogeneidade não são características nem do discurso, nem da subjetividade, é principalmente porque há o outro na sociedade que se pode pensar nas relações dialógicas, as redes de sentido que constituem os enunciados. Estes por sua vez, estão dispersos. É interessante descrevê-los não a partir da intenção de um sujeito, mas segundo sua exterioridade, buscando as positivities que os caracterizam, num jogo de regularidade e dispersão, tendo em vista que o sentido constitui-se na exterioridade, não se limitando ao sujeito enunciator.

Podemos fazer articulação entre interdiscurso e o que Foucault (2007) estabelece como campo associado, no qual é resgatada a historicidade do enunciado, por isso, convida a vê-lo segundo a dispersão de uma exterioridade.

A noção de interdiscurso foi aprofundada por lingüistas que trabalham atualmente a Análise de Discurso no diálogo com as idéias foucaultianas, como é o caso de J. J. Courtine que apresenta a noção de interdiscurso atrelada à questão da memória discursiva. Para esse autor ao nível do enunciado corresponde um espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos, que ele chama de interdiscurso. Assim, o define:

séries de formulações, marcando cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas formas lingüísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre

si, transformando-se...) É nesse espaço discursivo, que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, 'domínio de memória', que se constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciativo na formação dos enunciados pré-construídos, de que sua enunciação apropria-se (1999, p. 18).

Dessa forma, o interdiscurso é visto em relação à memória discursiva. A discussão sobre memória oportuniza pensar como são construídos os sentidos nos enunciados. Na relação com a exterioridade, criam-se formas de dizibilidades que não são apenas frases repetidas em contextos isolados. "a memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrases" (ACHARD, 1999, p. 16).

A questão da memória abordada por Pêcheux resulta dos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. No entanto, a memória discursiva não é a memória psíquica, ou neurofisiológica, ela é o resgate da exterioridade das relações com a história, percebidas através da memória social e coletiva. A memória apresenta-se como articuladora de materialidades discursivas, num processo de repetição e regularização. De acordo com Pêcheux, (1999, p. 52)

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Também é preciso discorrer sobre a concepção de identidade que aflora neste trabalho. Partimos da noção de que não há uma identidade fixa, mas identidades possíveis. Ela é compreendida como um processo em construção, nunca considerada homogênea ou fixa. Ela é mutável, fragmentada reconhecida muito mais como uma identificação do que como algo sólido, pronto e acabado. É uma construção discursiva que circula em dizeres com certas regularidades e práticas sociais estabilizadas.

Adotamos as contribuições dos autores Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, os quais vêem a identidade enquanto construção discursiva produzida em condições específicas de um dado momento histórico, sendo, pois fruto das relações sociais e culturais. Stuart Hall (2004, p. 109) afirma que:

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em lugares históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma "identidade" em seu significado tradicional.

A diferença, então, funciona como um traço identitário de oposição, o que marca a identidade em relação ao que ela não é. Assim, a identidade passa a ser caracterizada por contraste, oposição e exclusão, o ponto original ao qual se define a diferença. (SILVA, 2004). Esse autor também admite que a identidade e a diferença não podem ser vistas fora do sistema de significação nos quais adquirem sentidos. Elas são resultados de um processo de produção simbólica e discursiva.

Dessa forma, observamos que a identidade é um processo cultural construída nos discursos que circulam em uma dada sociedade. Ela é móvel, fragmentada, contraditória em alguns momentos. É definida historicamente. Stuart Hall (2005 p.13) acrescenta que:

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Neste sentido, buscamos o entrelaçamento dessas categorias de análise: interdiscurso, memória e identidade como forma de compreender o enunciado poético, tendo em vista que não há uma homogeneidade dos sentidos construídos. Fato que nos leva a conceber a leitura do texto literário como uma forma de manifestação do funcionamento da linguagem evocado na tessitura histórica que enlaçam os discursos. Assim, a identidade nordestina é construída de acordo com a posição sujeito do enunciativo e com as condições de produção do discurso. Conforme podemos observar nos enunciados que iremos analisar abaixo, ressaltando que a construção da identidade é vista em relação à memória e ao interdiscurso. No primeiro enunciado, *A triste partida* observamos a inserção de dizeres que constituem saberes sobre o objeto Nordeste pela retomada de sentidos que circularam em outras formações discursivas. O poema foi produzido em 1957, retrata a saga de uma família de retirantes que saem do Nordeste para São Paulo, em virtude da seca. É um retrato das secas e da saga nordestina. Vamos analisar algumas estrofes:

Setembro passou, com outubro e novembro
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Meu Deus que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz

Nesses versos há traços identitários do povo e da terra. O sertanejo é pobre e o Nordeste é seco, reafirmando o discurso da seca que circula em certas práticas sociais, ligando a imagem do Nordeste à seca e miséria. Vale lembrar que o Nordeste enquanto região nasce justamente desse discurso,

quando as elites dominantes começaram a usar a seca e os problemas locais como forma de conseguir verbas e recursos. O discurso da seca começou a circular desde a grande seca de 1877 que assolou a região, quando ela ainda estava ligada aos estados do Norte. É, portanto considerada o marco histórico inaugural de uma imagem estabilizada de Nordeste, que se expandiu e passou a ser utilizada em diversos discursos, adquirindo status de verdade, funcionando como uma identidade estereotipada da região. Em outra estrofe

*Entonce o rocêro, pensando consigo,
Diz: isso é castigo!
não chove mais não!*

O sentido no enunciado agora é construído pela atribuição da seca como castigo, ideologia pregada pela instituição religiosa que atribui o sofrimento como castigo de Deus aos pecados; o saber da cultura nordestina absorve esse discurso como verdadeiro. Essa idéia vem desde o gênesis com Adão e Eva que, ao comerem o fruto proibido pecaram, e com o pecado tiveram o sofrimento como castigo. Deus castigou a serpente, o homem (Adão) e a mulher (Eva) à cada um aplicou castigos diferentes.

A segunda parte do poema apresenta o resultado que a seca provocou no sertanejo, a migração para São Paulo como única forma de sobrevivência. Essa cidade é vista como “a terra prometida”, lugar que oportunizará construir uma nova vida.

*Agora pensando segui ôtra tria,
Chamando a famia
Começa a dizê:
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
Nós vamo a São Palo
Vivê ou morrê*

No discurso em pauta, o problema da migração oportuniza discutir traços da identidade do sertanejo, refletindo o que Bauman chama de “sentimento de pertencimento”. Fica evidente que o sujeito enunciató destaca seu apego à terra natal em versos como: *Se o nosso destino não fô tão mesquinho, / Pro mêrmo cantinho / Nós torna a vortá. / Chegou o triste dia / Já vai viajá. / Aquele nortista, partido de pena / de longe acena: / Adeus Ceará.* Assim, é possível construir a identidade pela relação do sujeito com o seu lugar de origem. O sujeito enunciató identifica-se como nordestino, sertanejo, cearense, traços que o liga ao espaço regional em que está inserido, o que vai criar uma oposição ao espaço a que se destina, marcando o que Bauman (2005, p. 17) cita como duas formas de comunidade às quais as identidades se referem, quais sejam: comunidades de vida e de destino. Na primeira categoria “os membros vivem juntos numa ligação absoluta”, na segunda, elas “são fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”.

Como resultado dessa construção discursiva, no enunciado *A triste partida*, notamos que ao elaborar a sua lamúria, o sujeito ocupa seu lugar de sertanejo ao cantar

sua miséria, sua dor, sua religiosidade. Os traços identitários são construídos pela atribuição da seca como a culpada pela miséria humana e miséria da natureza ressecada; elementos ratificadores de marcas identitárias em que a história colocou o Nordeste e o sertão.

Já em outro enunciado poético, a identidade é construída por oposição aos traços anteriores, é o que acontece no poema *Nordestino sim, nordestinado, não.* Vejamos os trechos abaixo:

*Nunca diga nordestino
Que Deus lhe deu um destino
Causador do padecer,
Nunca diga que é o pecado
Que lhe deixa fracassado
Sem condição de viver.*

*Não guarde no pensamento
Que estamos no sofrimento
É pagando o que devemos,
A Providência Divina
Não nos deu a triste sina
De sofrer o que sofremos*

Com uma prática discursiva que reflete sua visão de mundo, o sujeito enunciató, através da articulação entre vários discursos, principalmente o político, o religioso, constrói efeitos de sentidos diversos, que resultam na construção identitária do nordestino a partir da desconstrução de ideologia que por muito tempo foi apresentada como a única forma de dizibilidade possível a qual favoreceu a construção de sujeitos conformados com as condições de vida que lhes foram impostas e os transformam em seres submetidos ao determinismo climático e a vontade divina.

Assim, o uso da palavra “*nordestinado*” para designar que o sertanejo não tem um destino pré-determinado pela Providência Divina, que ele não é pré-destinado a viver em situação de miséria, nem a enfrentar os sofrimentos que o cerca. O efeito de sentido criado pelo sufixo *ado* indica submissão, passividade. Assim, o fio condutor da discursividade será a negação dessa idéia de nordestinado que perpassa toda a materialidade do enunciado.

*Nós somos injustiçados
Nordestinos explorados
Mas nordestinados, não.*

O sujeito enunciató busca desconstruir “as verdades” que circularam em enunciados anteriores. Ao operar por negativas, através das palavras não, nunca, apela para que o sertanejo veja sob outra perspectiva sua realidade social. Dessa forma, o interdiscurso religioso foi usado como deslocamento, pois produz o efeito de ruptura, de descontinuidade com o discurso fundador (COURTINE, 1999). O sujeito enunciató, com este interdiscurso produz um efeito de verdade ao mostrar que o sofrimento não é castigo de Deus, mas é causado pela falta de investimentos e de uma

política eficaz com melhor distribuição de rendas. Parte do campo religioso para o político, para legitimar sua enunciação, como veremos nas estrofes abaixo:

Não é Deus que nos castiga,
Nem é a seca que obriga
Sofrermos dura sentença,
Não somos nordestinados,
Nós somos injustiçados
Tratados com indiferença.
(...)
Já sabemos muito bem
De onde nasce e de onde vem
A raiz do grande mal,
Vem da situação crítica
Desigualdade política
Econômica e social.

Dessa visão resulta outra construção de identidade. O que no enunciado poético *A triste partidã* se confirmava como uma repetição de dizeres, em *Nordestino sim, nordestinado, não*, apresenta-se como uma oposição, transformação que gera uma quebra com a rede dos enunciados que o precedem. O interdiscurso foi usado como ruptura, deslocamento, o que permitiu a re-atualização de dizeres.

O efeito de sentido que se constrói é pela oposição com as formulações anteriores, criando com isso, uma identidade para o Nordeste por oposição, não ao Sul, mas as dizibilidades que circularam em práticas sociais diversas, que ajudaram a criar o estereótipo de Nordeste como região seca, visto como um lugar de sofrimento.

Ao afirmar que “já sabe de onde vem a raiz do grande mal” o sujeito enunciado cria um deslocamento dos sentidos legitimados na memória, ocasionado pelo fato de que o acontecimento discursivo novo vem alterar esses sentidos. Dessa forma, a memória tende a absorver o acontecimento, desmanchar a regularização e produzir uma outra série sob a primeira, levando ao desmascaramento do aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal. O acontecimento desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa análise discursiva, podemos perceber que a identidade é uma construção discursiva que pode mudar de um enunciado a outro, e, está sempre em articulação com o interdiscurso e a memória discursiva que garantem legitimidade ao discurso do sujeito enunciador.

Diante dos dois poemas analisados, observamos que no enunciado *A triste partida*, os sentidos são construídos pela reafirmação das dizibilidades que circularam sobre o Nordeste em um determinado momento histórico. A seca nordestina é o fio condutor da construção

de identidade nordestina. Já em *Nordestino, sim, nordestinado, não*, os estereótipos são desconstruídos. Trata-se do mesmo sujeito enunciador em condições de produção diferentes, a historicidade aponta para outros dizeres, outra forma de ver e dizer a região Nordeste.

Assim, concordamos com Foucault (2007, p. 32) que enunciado, de um lado tem existência num campo de uma memória, tem uma materialidade e também, é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação e está ligado a enunciados que o precedem e o seguem.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. (1999) Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et. al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes.
- ASSARÉ, Patativa do. (2004) *Cante Lá que Eu Canto Cá*. 14ed. Petropolis: Vozes.
- BAUMAN, Zigmund. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- COURTINE, Jean Jacques. (1999) O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F & FERREIRA, M. C. L. (org). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. p. 15 a 22. Porto Alegre: Sagra Luzzatto.
- HALL, Stuart. (2005) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- _____. (2004) Quem precisa de identidade? In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes.
- FOUCAULT, Michel. (2007) *A arqueologia do saber*. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- PÊCHEUX, Michel. (1999) Papel da memória. In: ACHARD, P. et. al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (2004) A produção social da identidade e da diferença. In *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes.

Nota

¹ Antonio Gonçalves da Silva, nascido a 05 de março de 1909, no sítio Serra de Santana, município de Assaré-CE, tornou-se conhecido pelo pseudônimo Patativa do Assaré, pela harmonia com que fez seus versos, aproximando-se do canto da patativa, ave do sertão nordestino. Faleceu no dia 08 de julho de 2002, aos 93 anos de idade. Patativa do Assaré não frequentou a escola por muito tempo, menos de 06 meses, o suficiente para ser alfabetizado. A partir de então, apaixonou-se pela leitura e tornou-se um autodidata. Cresceu ouvinte de leituras de cordéis e “leitor de poetas da língua”. Por isso, seus poemas apresentam diversidade linguística; ele fez poesia tanto na linguagem popular quanto utilizando a norma padrão culta.